

MULHER DIZ QUE FICOU MALUCA

Querla ser Chapeuzinho

Cleonice Maria da Conceição, 26 anos, vivia sozinha no município de Bonito, a 60 km de Caruaru, para onde seguia três vezes por semana para as sessões de hemodíalise. Alugava um quarto em Bonito por R\$ 50,00 — recebe R\$ 100,00 de aposentadoria por invalidez — porque a mãe e os 13 irmãos moram em um sítio distante da cidade. “Ficava difícil sair do sítio e ir para Bonito pegar o carro da Prefeitura que levava a gente para Caruaru”, conta. A água cheia da toxina que envenenou Cleonice causou-lhe problemas neurológicos. “Fiquei doidinha da cabeça”, diz.

“Mudei de fala, só tinha vontade de me vestir de Chapeuzinho Vermelho e de ficar bem bonita para mudar minha vida”, conta. A mãe, Creusa Maria da Conceição, que a acompanha no Hospital Barão de Lucena, impedia Cleonice de sair e ficar gritando pelas ruas de Bonito. “Ela perdeu o juízo, mas já voltou ao normal”, avisa a mulher. Cleonice conta: “Eu queria colocar uma roupa vermelha, carregar uma cestinha, queria me sentir liberta e falar com o povo.” Depois, vieram os desmaios e a moça foi internada em estado de coma. “Essa doença complicou minha vida e vi muita gente morrer”, diz.

A mãe dia e noite vigia a filha no leito do hospital. “Tenho muitas crianças pequenas, mas não volto para casa porque tenho medo que ela morra longe de mim”, diz. “Lá em casa, o menino maior está tomando conta dos outros.” Cleonice passa os dias na cama. Três vezes por semana, é levada com outros doentes para a hemodíalise no Hospital Geral de Urgência (HGU), a poucas quadras do Barão de Lucena. Lá, passa quatro horas ligada à máquina, da qual ecoa um som monótono e ritmado. Com os braços cheios de hematomas causados pelas agulhas, ao sofrimento da hemodíalise é acrescentada a ameaça da morte. “Ainda não sei se me salvo”, diz Cleonice. “Um dia estou bem, em outro pioro.”

Ná ala masculina do hospital, os parentes de Edmilson Francisco da Silva, de 39 anos, se desesperam com o agravamento no estado do rapaz. “Ele saiu esses dias da UTI, mas está piorando de novo”, contam. Amarrado à cama, Silva está inconsciente. “Tem de ficar amarrado porque, quando acorda, se agita e quer arrancar o soro”, explica o irmão, Edson Francisco da Silva. “A gente não sabe se ele escapa, não.”

AMIGOS DE CARUARU SE UNEM MAIS

Sofreram discriminação

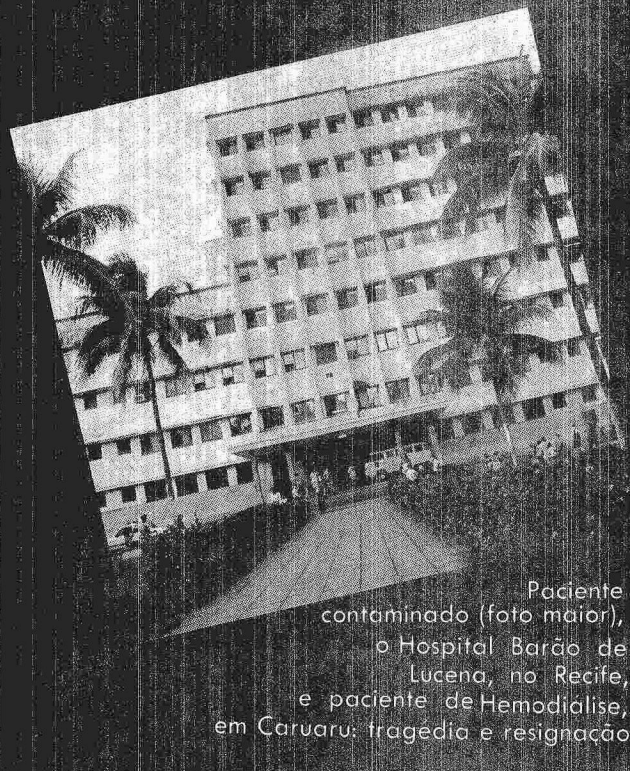
Maria Auxiliadora Pereira, 37 anos, depois de contaminada com a microalga azul, começou a ter convulsões. “Eu não enxergava, tinha dor de cabeça e não reconhecia ninguém”, diz. “Se comia qualquer besteira, me dava enjoão e eu passava mal.” Ao lado das companheiras do 6º andar, Auxiliadora conta que chegou inconsciente ao Hospital Barão de Lucena. “Também me doía saber que as pessoas tinham medo da gente”, lembra. “As enfermeiras usavam máscara e os outros doentes queriam sair de perto de nós.”

Unidos durante as sessões de hemodíalise no IDR, os amigos de Caruaru se aproximaram mais. “Cada um consola o outro”, diz Auxiliadora. Valdemar Xavier de Lima, de 64 anos, deixou a família na cidade de Bonito e foi ficar ao lado do filho, Valdemar Xavier, de 31 anos, no hospital de Recife. “Faz 20 anos que ele entrou na máquina de hemodíalise e não saiu mais”, conta. O rapaz, hoje, se agarra às palavras que encontra na Bíblia para encontrar fé para viver. “Só restou para nós o que Deus achar melhor”, conforma-se Valdemar.

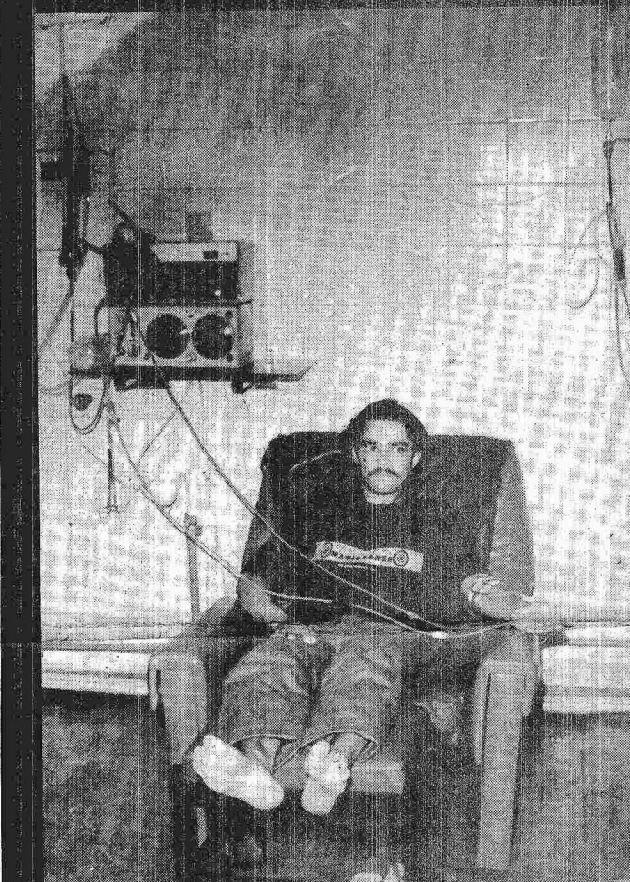
“O que revolta é sofrer e não saber o motivo”
(Da paciente Luciene Leite Bezerra, 23 anos)

Hospital do Recife se transforma em “corredor da morte”

Pacientes ficam em quartos pequenos. Ida para a UTI significa a sentença de morte



Paciente contaminado (foto maior), o Hospital Barão de Lucena, no Recife, e paciente de Hemodíalise, em Caruaru: tragédia e resignação



AGONIA DE JOSÉ VÍTOR DUROU 15 DIAS

A viúva, Corina, não tem esperança de receber auxílio do governo. Prefere pedir aos pobres

Fotos de Roberto Setton/AE

A agonia de José Vítor Irmão Rodrigo, vendedor de doces de 34 anos de Bezerros, cidade de 50 mil habitantes a 25 km de Caruaru, durou 15 dias. “Ele começou a ter dores no corpo, febre e remédio nenhum dava jeito”, conta a viúva, Corina Francisca Nascimento. “Uns dias depois, ele começou a colocar sangue pela boca e meu pai levou ele para o hospital.” José Vítor morreu no dia 12 de março: foi a 16ª vítima do Instituto de Doenças Renais (IDR). Deixou 2 crianças — Eduardo, de 2 anos, e Ana Paula, de 10, filha do primeiro casamento de Corina —, e uma dívida de R\$ 30 com o leiteiro.

Ainda hoje, mais de um mês depois da morte do marido, Corina se desespera com outra conta vencida: os R\$ 100 do caixão em que ele foi sepultado. “Falei para o homem da funerária ter um pouquinho de paciência”, diz. “Assim que der, eu vou pagar.” Até agora, Corina não recebeu nenhuma ajuda do Estado. “Escutei o Arraes (o governador de Pernambuco, Miguel Arraes) falar que ia ajudar a família de quem morreu, mas não me deu nada”, conta. O único auxílio que chegou à casinha pobre da Rua Nossa Senhora das Graças foram os R\$ 4 deixados por uma funcionária da Secretaria da Saúde que apareceu por lá.

Fazia cinco anos que José Vítor se submetia à hemodíalise no IDR. Três vezes por semana, pegava um ôni-



À viúva e o filho de José Vítor Rodrigo: dívida com o leiteiro

bus e seguia para Caruaru. Nos outros dias, saía pelas cidades próximas com seu tabuleiro de doces, trabalho que lhe rendia cerca de R\$ 200 por mês. Foi durante o Carnaval que começou a sentir os primeiros sintomas da água envenenada no IDR.

“Naquela semana, o corpo dele doía e tinha febre”, lembra a mulher. Corina teve de ir a Recife visitar a mãe. Levou os filhos e José Vítor ficou em Bezerros. “Ele estava mal e dormiu com a casa aberta”, conta a viúva.

“Achava que, se morresse, os vizinhos não precisariam arrombar a porta para tirar ele de lá.” Depois disso, o esta-

do de José Vítor só piorou. “A dor não deixava ele comer”, diz Corina. “Um dia, amanheceu botando sangue pela boca e meu pai levou ele para o hospital de Caruaru.”

A mulher, até agora, não sabe por que o marido morreu. “Uns falam que foi urina de rato, outros dizem que foi por causa de barata, mas não sei bem o que aconteceu”, diz. Na certidão de óbito de José Vítor, as causas da morte: hemorragia digestiva, hepatopatia tóxica aguda e insuficiência renal crônica.

Hoje, a família passa dificuldades. Nas quartas, quintas e sextas-feiras, Corina —

analfabeta como o marido — trabalha em um abatedouro, onde passa a noite matando galinhas. Recebe R\$ 10 por semana. “Estou devendo o dinheiro do leite, do caixão e nesses dias recebi mais cobranças da conta de luz e de umas roupinhas que comprei para as crianças”, conta.

Os parentes e amigos juntaram o que puderam para pagar a funerária. “Mas, antes de pagar o caixão, precisei comprar comida”, diz Corina.

Apesar de se sentir envergonhada, Corina às vezes tem de recorrer à caridade do povo da cidade. Quando vai a Caruaru, pede ajuda aos comerciantes. “A pior coisa do mundo é ter de pedir”, lamenta. “Alguns donos de padaria já vão falando: ‘Pode ir embora, mulher, não quero nem ouvir sua história.’”

Sem esperança de receber qualquer auxílio do governo, ela sabe que pode contar apenas com o povo de Bezerros. “Prefiro pedir no lugar mais pobre”, afirma. “Por menos que tenham, os pobres sempre dão um jeito de repartir com a gente.”

(M.C.)

O 6º andar do Hospital Barão de Lucena, um prédio antigo instalado na região central do Recife, se transformou em um “corredor da morte”. Lá, confinados em quartos simples, cada um deles com três camas cobertas com lençóis sujos, estão os sobreviventes da tragédia da hemodíalise de Caruaru. Esta semana, a equipe do JT conseguiu entrar no hospital, cujo acesso está proibido aos jornalistas, e conversou com os pacientes que temem fazer parte da longa lista de mortos do IDR.

Desde que saíram de Caruaru para os quartos do Barão de Lucena, os doentes renais contaminados pela microalga azul vivem isolados das más notícias que circulam pelo hospital. Os médicos e enfermeiros do 6º andar nunca falam às vítimas da hemodíalise sobre o estado dos pacientes removidos às pressas para a UTI — a possibilidade de ir para a UTI significa a execução da sentença de morte.

Todos recebem a notícia pela televisão. À noite, quem consegue andar vai até o saguão que fica entre os corredores. “Quando chega a hora do repórter, todo mundo fica com o olho pregado na televisão”, conta a sobrinha de uma paciente. “É preto e branco, meio apagada, mas dá para escutar que mais gente morreu e, então, o pessoal entra em desespero.”

Luciene Leite Bezerra, 23 anos, está em um dos quartos do Barão de Lucena. Vivía com a mãe, a irmã e dois sobrinhos em Caruaru. Três vezes por semana, ia ao IDR para a sessão de hemodíalise.

Medo

PAVOR DA MORTE

Agora, está apavorada. Contaminada pela microalga tóxica, tem medo de morrer. “Nunca tive problema nos nervos”, conta. “Agora estou com uma tremura tão grande que nem consigo levantar da cama e ficar em pé.”

Luciene se queixa: “O que revolta mais é a gente sofrer tanto e não saber o motivo dessa doença.” Ela conta que, ainda em Caruaru, se desesperava quando ia ao IDR e sentia a falta de alguém que fazia hemodíalise ao seu lado. Mas escondia a notícia da mãe. “Um dia, comecei a chorar e falei: ‘Mãe, não aguento mais, toda vez que chego lá fico sabendo que mais gente morreu.’”

Quando os sintomas da hepatite tóxica começaram a aparecer, ela procurou um médico do IDR. “Ele falou que a gente ficava comendo o que não podia, por isso se sentia mal”, conta.

Outra paciente se lembra bem quando se queixou ao médico dos enjoos e dores no estômago. “Ele ficou bravo e falou: ‘Por que tomou refrigerante?’”, conta ela. “Eu falei: ‘Juro que não tomei, doutor.’ Mas ele nem me examinou e já me mandou para a máquina.” Os doentes do 6º andar também falam sobre a falta de higiene no Instituto de Doenças Renais de Caruaru. “As vezes, eu chegava e tinha formiga na cadeira da hemodíalise”, diz um. (Os peritos do Instituto de Criminalística que examinaram a clínica encontraram baratas nos armários.)

Maria de Fátima Moura, outra doente renal internada no 6º andar, espera ansiosa pela hora de voltar para casa, em Ibimirim, no Interior do Estado, região do Agreste pernambucano. Antes de seguir viagem, quer ir até a praia de Recife. Aos 22 anos, Fátima nunca viu o mar. A moça, porém, tem medo de que esse dia não chegue. “E se eu morrer antes, como todo o pessoal?”, pergunta ela.

Fátima não recebe visita de parentes. O marido, que ganha R\$ 0,60 cada vez que tira um quilo de peixe dos rios de Ibimirim, só pôde ir ao Recife uma única vez. “E veio porque o prefeito deu o dinheiro da passagem”, conta. “Se ele ficar aqui comigo, vai deixar de pescar e, se não pescar, a família não come.”

(M.C.)